

Francisco oferece uma visão realista e esperançosa da família

Como já ficou patente na sua catequese das quartas-feiras sobre a família, desenvolvida entre o Sínodo de 2014 e o de 2015, o Papa Francisco voltou a demonstrar que tem uma grande capacidade para falar com realismo sobre a beleza da vida familiar. Nesta extensa exortação, "[Amoris laetitia](#)", convida a cuidar "da alegria do amor que se vive nas famílias", para fazer face às dificuldades apresentadas pelo ambiente atual.

O capítulo primeiro ("À luz da Palavra") é um bom exemplo de como o Papa combina o realismo com a proposta de um ideal atrativo. "A Bíblia está povoada de famílias, de gerações, de histórias de amor e de crises familiares" (n. 8).

Francisco entra com a imaginação num dos muitos lares de que fala a Sagrada Escritura, aquele presente no Salmo 128. "No centro encontramos o casal do pai e da mãe com toda a sua história de amor" (n. 9). Juntamente com eles aparecem os filhos, que se juntam à alegria festiva dos pais.

Mas "o idílio de que fala o Salmo 128 não nega uma realidade amarga, presente também nas Sagradas Escrituras. É a presença da dor, do mal, da violência que golpeia a vida da família e a sua íntima comunhão de vida e de amor" (n. 19).

Com exemplos tirados do Antigo Testamento e do Novo – "O próprio Jesus nasce numa família modesta que tem de fugir rapidamente para uma terra estrangeira" (n. 21) –, o Papa mostra que a vida familiar nunca aconteceu livre de dificuldades. "Neste breve percurso, podemos comprovar que a Palavra de Deus não se mostra como uma sequência de teses abstratas, mas igualmente como uma companheira de viagem para as famílias que estão em crise ou sofrem alguma dor" (n. 22).

O amor não é como as redes sociais

No capítulo segundo ("Realidade e desafios das famílias"), Francisco debruça-se sobre algumas dessas dificuldades citando muito os Padres sinodais. Existem problemas culturais de fundo, como a falta de maturidade afetiva e sexual, a

mentalidade anti natalista ou o enfraquecimento da fé; outros, políticos e sociais, como a falta de apoio à família por parte das instituições, a falta de habitação digna ou as longas jornadas de trabalho; há também situações que exigem apoio especial, como as famílias mais pobres, as migrantes ou as que têm a seu cargo pessoas com deficiência.

Entre todas as citações referentes a estes problemas, de vez em quando emerge o estilo inconfundível de Francisco. Como quando denuncia a "cultura do provisório", manifestada "na velocidade com que as pessoas passam de uma relação afetiva para outra. Achem que o amor, como nas redes sociais, se pode ligar ou desligar ao gosto do consumidor e mesmo bloquear rapidamente" (n. 39).

É também expressiva a sua denúncia da ideologia de género, que procura "impor-se como um pensamento único que determine inclusivamente a educação das crianças" (n. 56).

Mostrar caminhos de felicidade

Neste capítulo, o Papa também faz uma "autocrítica" sobre as formas desvirtuadas de transmitir o Evangelho da família. Por exemplo, reconhece que, por vezes, não foi feito "um bom acompanhamento dos novos casais nos seus primeiros anos de casamento". Outras, apresentou-se um ideal do casamento "demasiado abstrato", sem despertar "a confiança na graça" (n. 36). Ou esqueceu-se que a Igreja é chamada "a formar as consciências, mas não a pretender substituí-las" (n. 37).

A boa notícia é que "a maior parte das pessoas valoriza as relações familiares que querem permanecer no tempo e que asseguram o respeito pelo outro" e conta com o "acompanhamento e assessoria" da Igreja para crescer no amor, superar os conflitos ou educar os seus filhos (n. 38).

Esta perspetiva "abre a porta a uma pastoral positiva, acolhedora, que possibilita um aprofundamento gradual das exigências do Evangelho". Em vez de atuar "na defensiva", a Igreja deve tomar a iniciativa "para mostrar caminhos de felicidade" (*ibid.*).

Um presente de Deus

O capítulo terceiro (“O olhar colocado em Jesus: vocação da família”) é uma síntese sobre os ensinamentos da Igreja a respeito do casamento e da família. De certo modo, é o complemento que pedia o capítulo anterior: depois de analisar as dificuldades, Francisco regressa ao essencial do primeiro anúncio, que é “o mais belo, o maior, o mais atrativo e ao mesmo tempo o mais necessário”, como diz citando a sua exortação “*Evangelii gaudium*”.

No percurso que faz pelo Magistério recente, desde o Concílio Vaticano II até à atualidade, passando pelo Beato Paulo VI, São João Paulo II e Bento XVI, chama a atenção para o imenso valor que a Igreja concede ao casamento, um presente de Deus para toda a humanidade desde a criação. Compreende-se o empenho colocado pela Igreja para “cuidar este dom divino”, que inclui a sexualidade (n. 61) e que, para os cristãos, é também uma vocação e um sacramento “para a santificação e a salvação dos esposos” (n. 72).

Saber amar

O “hino da caridade” (1 Cor 13) serve ao Papa como introdução ao capítulo quarto: “O amor no casamento”. Francisco examina em pormenor, a partir da síntese do Apóstolo, os traços que devem caracterizar a relação conjugal.

Sublinha assim a paciência, a atitude de serviço, a gentileza... Pede, além disso, que se cultivem, no seio do casamento, atitudes de desprendimento; de recusa da violência interior que acaba por se projetar nos outros; de se alegrar com o bem dos outros, e, fundamentalmente, de perdoar, de tentar compreender a fraqueza alheia.

“Se aceitarmos”, afirma, “que o amor de Deus é incondicional, que o carinho do Pai não se deve comprar nem pagar, então poderemos amar para lá de tudo, perdoar aos outros mesmo quando tenham sido injustos para conosco” (n. 108).

Paixão e realismo

Mais à frente, Francisco nota que o casamento, além de unir afetiva e espiritualmente os esposos, “recolhe em si a ternura da amizade e a paixão erótica, embora seja capaz de subsistir mesmo quando os sentimentos e a paixão se enfraquecem” (n. 120).

Nesse sentido, recomenda “cuidar a alegria do amor”, que “amplia a capacidade de desfrutar e nos permite encontrar

prazer em realidades variadas, mesmo nas etapas da vida onde esse prazer se apaga” (n. 126).

De igual modo, exorta os esposos a procurar a beleza no “alto valor” do outro, o que “não coincide com os seus atrativos físicos ou psicológicos”, e “nos permite gostar do sagrado da sua pessoa, sem a imperiosa necessidade de o possuir” (n. 127).

Por outro lado, incita os jovens a valorizar o casamento, pois expresa a seriedade da identificação mútua e a superação do individualismo adolescente, e não significa de forma alguma o fim das alegrias no relacionamento.

Alerta sim, pelo contrário, contra a ideia do casamento baseado no amor “idílico”, semelhante ao proposto pela propaganda consumista, de famílias em que “os anos não passam, não existe doença, dor nem morte”, conforme observavam os bispos chilenos num documento de 2014.

“É mais saudável”, adverte o Papa, “aceitar com realismo os limites, os desafios ou a imperfeição, e escutar o chamamento para crescerem juntos, para amadurecer o amor e para cultivar a solidez da união, aconteça o que acontecer” (n. 135).

E aconselha, evidentemente, o diálogo: “Dar tempo, tempo de qualidade, que consiste em escutar com paciência e atenção, até que o outro tenha expresso tudo aquilo de que necessitava” (n. 137). Mas não só é preciso tempo: tem de haver “matéria” sobre a qual efetuar o intercâmbio: “Reconheçamos que para o diálogo valer a pena, tem de ter algo que dizer, e isso exige uma riqueza interior que se alimenta na leitura, na reflexão pessoal, na oração e na abertura à sociedade. De outra forma, as conversas tornam-se aborrecidas e inconsistentes” (n. 141).

Eros no casamento

Noutro ponto, Francisco alude à clarificação feita pelo seu predecessor, Bento XVI, acerca de que, embora não tenham faltado exageros que nada têm a ver com a doutrina cristã, o ensinamento da Igreja não recusou o *eros*, mas a falsa divinização deste, que acabou precisamente por privá-lo da sua dignidade. “Acreditamos que Deus ama o desfrute do ser humano, que Ele criou tudo ‘para que o desfrutemos’ (1 Tm 6,17)” (n. 149).

Por isso, à luz do ensinamento da Igreja, e nomeadamente do magistério de São João Paulo II, Francisco precisa que “de nenhuma forma podemos entender a dimensão erótica do amor como um mal permitido, ou como um peso a tolerar pelo bem da família, mas como dom de Deus que embeleza o encontro dos esposos” (n. 152).

Quase no final do capítulo, o Papa refere outra importante realidade: o amor vai-se transformando, pois a aparência física, com o decorrer dos anos, modifica-se. Isso, todavia, não é obstáculo para que a atração mútua se enfraqueça ou

desapareça. “Quando os outros já não puderem reconhecer a beleza dessa identidade”, afirma, “o cônjuge enamorado continua a ser capaz de perceber com o instinto do amor, e o carinho não desaparece. Reafirma a sua decisão de lhe pertencer, volta a escolhê-la, e expressa essa escolha numa proximidade fiel e cheia de ternura” (n. 162).

A família, lugar de acolhimento e fonte de compromisso social

O capítulo quinto (“Amor que se torna fecundo”) aborda a instituição familiar como o lugar onde todos são acolhidos e queridos independentemente dos seus méritos.

Os primeiros pontos são dedicados à manifestação mais evidente desta fecundidade, o nascimento dos filhos. Francisco recorda a importância de cuidar da criança mesmo antes que nasça, e pede à mulher grávida: “Cuida a tua alegria, que nada te faça remover o desfrute interior da maternidade. (...) Ocupate do que tenha de ser feito ou preparado, mas sem ficares obcecada” (n. 171). Um elogio especial tem o Papa para as famílias numerosas, “uma alegria para a Igreja” porque “nelas, o amor expressa a sua fecundidade generosa” (n. 167).

A parte central do capítulo aborda a necessidade do pai e da mãe em cada família. Perante as teorias que tendem a desfigurar o singular contributo de cada cônjuge, o Papa sublinha a importância da diferença: “Há papéis e tarefas flexíveis, que se adaptam às circunstâncias concretas de cada família, mas a presença clara e bem definida das duas figuras, feminina e masculina, cria o âmbito mais adequado para o amadurecimento do filho” (n. 175).

A última parte do capítulo é dedicada às relações intrafamiliares, com uma especial lembrança pela importância de cuidar e respeitar os avós (nn. 191-193), e pelo trabalho social da família. Francisco quer famílias abertas, numa posição de saída, não de defesa: “Deus confiou à família o projeto de tornar ‘doméstico’ o mundo”.

Acompanhar noivos e recém-casados

No capítulo sexto (“Algumas perspetivas pastorais”), o Papa aborda a pastoral familiar nos seus aspetos gerais, começando por sublinhar, com o Sínodo, que nela, as próprias famílias são protagonistas e não apenas destinatárias (n. 200). Também naquilo que se segue, grande parte são citações dos documentos finais dos dois Sínodos, assim como das catequese de João Paulo II e do próprio Francisco.

Uma secção do capítulo sublinha a necessidade de formar melhor os sacerdotes, desde os anos de seminário, para que

compreendam e saibam atender as famílias (n. 203). Para isto, tem de se contar com a colaboração de leigos, tanto homens como mulheres (n. 204).

Depois, o Papa detém-se na preparação para o casamento (nn. 205-216), um dos temas para os quais mais importância deu o Sínodo. É tarefa da comunidade paroquial, e nela é essencial a participação de casais, juntamente com os sacerdotes. O Papa anota que, além das sessões para grupos, “são indispensáveis alguns momentos personalizados, porque o principal objetivo é ajudar cada um para que aprenda a amar a pessoa concreta com a qual pretende partilhar toda a vida” (n. 208). Em todo o caso, a preparação deve ajudar os noivos a descobrir possíveis incompatibilidades ou riscos, para que não se exponham a um fracasso evitável (n. 209).

O casamento não é o final; o Papa, seguindo o Sínodo, insiste no acompanhamento dos esposos nos seus primeiros anos de casados (nn. 217-230), especialmente porque, por vezes, o amadurecimento dos jovens acontece com atraso. Cada um deverá aprender a ter uma visão realista do cônjuge: “Tem de se deixar de lado as ilusões e aceitar o outro como é: inacabado, chamado a crescer, num processo” (n. 218). A verdade é que “uma das causas que levam a ruturas matrimoniais é ter expectativas demasiado altas sobre a vida conjugal” (n. 221).

Na realidade, o casamento é um caminho de amadurecimento e perfeição. A ajuda de outros casais com experiência contribuirá muito para dar força aos casais recém-casados (n. 223). Eles também poderão ter um papel eficaz para ir em busca dos que não regressam à Igreja depois do casamento (n. 230).

O realismo impõe que se admita haver em qualquer casamento momentos de crise (nn. 231-240). O Papa descreve com acuidade os seus diversos tipos (a do primeiro filho, a do ninho vazio...) e o itinerário que seguem. Salienta as atitudes básicas que são exigidas para as superar, e também a importância de contar com pessoas especialistas que ajudem a identificar as causas e encontrar saídas (n. 238). Quando a separação é inevitável, ou mesmo se processa o divórcio, continua a fazer falta o acompanhamento pastoral (n. 242); mas, neste caso, tem de haver uma preocupação muito especial pelos filhos, a parte mais fraca e as vítimas inocentes da rutura (nn. 245-246).

Depois, a exortação contempla algumas situações complexas: os casais onde um dos cônjuges não é católico ou não cristão; as famílias que incluem algum membro homossexual; os lares monoparentais... (nn. 247-252). O último tema do capítulo é como afeta a família a morte de algum dos membros que a constituem (nn. 253-258).

Os filhos

O capítulo sétimo intitula-se “Fortalecer a educação dos filhos”. Sublinha a necessidade de estar atento a eles, por exemplo, sabendo “quem se ocupa de lhes proporcionar diversão e

entretenimento, quem entra nos seus quartos através dos ecrãs, a quem são entregues para guiá-los nos seus tempos livres” (n. 260). Mas sem serem “pais helicóptero”: “A obsessão não é educativa, e não se pode ter um controlo de todas as situações pelas quais poderia vir a passar um filho” (n. 261): dessa forma não se favorece o seu amadurecimento.

Ao mesmo tempo, educar não é mimar: exige também corrigir, sempre sem fúria. Tem de se “sensibilizar a criança ou o adolescente, avisando que as más ações têm consequências”; despertar nele “a capacidade de se pôr no lugar do outro e de lamentar o seu sofrimento quando se lhe causou um dano” e orientá-lo “com firmeza para que peça perdão e repare o dano realizado” (n. 268). Não lhe será assim causado qualquer “trauma”: “Um filho corrigido com amor sente-se tido em conta, percebe que é alguém, fica avisado que os seus pais reconhecem as suas possibilidades” (n. 269).

Uma secção refere-se à educação sexual, que deve ser levada a cabo “no quadro de uma educação para o amor, para a doação mútua” (n. 280). Por exemplo, Francisco previne contra a propaganda do “sexo seguro”, expressão que “transmite uma atitude negativa para com a finalidade procriadora natural da sexualidade”, e costuma assumir um “irresponsável (...) convite aos adolescentes para que brinquem com os seus corpos e desejos” (n. 283).

Quando o amor é frágil

O capítulo oitavo (“Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade”) trata das situações em que a união conjugal é imperfeita ou está deteriorada: coabitação, casamento apenas civil, casais divorciados. O Papa não estabelece nenhuma norma nova, e insiste em “acompanhar, discernir e integrar”, para que as pessoas que se encontrem nesses casos venham a superar as deficiências e participem na vida da Igreja, em consonância com o ensinamento de São João Paulo II em “Familiaris consortio”, 34.

Também remete para João Paulo II, salientando que entre os divorciados casados novamente, acontecem casos diferenciados: não é o mesmo quem provocou a rutura do seu anterior casamento, ou alguém que foi abandonado injustamente. Assim, quanto à possibilidade de receber a comunhão ou outras formas de participar na vida da Igreja, Francisco não refere nenhuma nova disciplina, mas insiste em oferecer a todos a misericórdia de Deus e tratar cuidadosamente de cada caso. “Se se tiver em conta a inúmera diversidade de situações concretas (...) pode compreender--se que não se devia esperar do Sínodo ou desta Exortação uma nova normativa geral de tipo canónico, aplicável a todos os

casos” (n. 300). Por último, assume o que a esse respeito afirmou o Documento final do último Sínodo ([n. 84](#)).

Perante as circunstâncias particulares e os condicionamentos que podem atenuar a responsabilidade moral, o Papa salienta que não é obrigatório que qualquer pessoa numa dessas situações irregulares se encontre em pecado mortal (n. 301). E acrescenta dois esclarecimentos. Primeiro: assim como as normas não podem abarcar todos os casos concretos, muito menos o caso concreto pode ser elevado a norma (n. 304). Segundo: “Compreender as situações excepcionais nunca implica ocultar a luz do ideal mais pleno, nem propor menos do que aquilo que Jesus oferece ao ser humano. Hoje, mais importante do que uma pastoral dos fracassos, é o esforço pastoral para consolidar os casamentos e prevenir assim as rupturas” (n. 307).

Espiritualidade familiar

O último capítulo, o nono (“Espiritualidade matrimonial e familiar”), realça que o casamento é uma vocação cristã específica, “um verdadeiro caminho de santificação na vida corrente e de crescimento místico” (n. 316), que tem formas próprias de se expressar na relação com Deus. Uma das principais é a oração em família, que tem o seu auge na participação de todos na Eucaristia dominical.

A exortação termina com uma mensagem de alento às famílias. “Caminhemos famílias, continuemos a caminhar. O que nos é prometido é sempre mais. Não desesperemos com os nossos limites, mas muito menos renunciemos a procurar a plenitude de amor e de comunhão que nos foi prometida” (n. 325)..